

DIÁLOGOS ENTRE POLÍTICA E ARTE: JEAN-JACQUES ROUSSEAU E A PINTURA ROCOCÓ.

Hudson Lucas Marques Martins
Graduando, Universidade Federal de Ouro Preto

Resumo

Este trabalho busca pistas e referências no pensamento de Jean-Jacques Rousseau quanto à sua visão sobre a produção artística Rococó, gosto estético de origem francesa, em evidência no mundo ocidental durante a maior parte do século XVIII. Para tanto, atendo-me ao pensamento do autor genebrês, buscando aproximar seus argumentos filosóficos daqueles que circulavam no âmbito da produção, circulação e consumo notadamente da pintura Rococó.

Palavras chave: Jean-Jacques Rousseau, Rococó, Sociedade.

Abstract

This work search for tracks and references on Jean Jacques Rousseau thought about his vision on Rococó artistic production, who was in evidence on the occidental world at the XVIII century. In order to that, will attain myself on the thoughts of the genevan author, trying to approach his philosophical arguments to those who was on vogue at the production, circulation and consumption circuit, most notably of Rococó paintings.

Key Words: Jean-Jacques Rousseau, Rococó, Society.

Este trabalho busca pistas e referências no pensamento de Jean-Jacques Rousseau quanto à sua visão sobre a produção artística Rococó, gosto estético de origem francesa, em evidência no mundo ocidental durante a maior parte do século XVIII. Para tanto, atendo-me ao pensamento do autor genebrês, buscando aproximar seus argumentos filosóficos daqueles que circulavam no âmbito da produção, circulação e consumo notadamente da pintura Rococó.

Jean-Jacques Rousseau nasceu em Genebra em 1712, filho de um relojoeiro, a sua família contava com certas posses, mas não era de linhagem aristocrática. Fugiu de casa e radicou-se em Paris, onde conheceu o filósofo Denis Diderot, e chegou a ser convidado a colaborar para a *Enciclopédia* escrevendo sobre música. Ganhou em 1755 um concurso da Academia de Dijonum¹, que lhe rendeu reconhecimento internacional, três anos depois se viu

¹ ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre as artes e a ciência*. Trad. Lourdes Santos Machado. São Paulo: Nova Cultura, 1999. 2 v. (Os Pensadores.).

em uma disputa pública² contra um dos enciclopedistas, Jean Lê Rond D' Alembert. Morre em 1778 e as suas idéias influenciaram de forma decisiva a Revolução Francesa. Ele não dedicou nenhuma obra diretamente às artes plásticas, o principal motivo é a sua opinião singular sobre o assunto, como veremos mais adiante. Na maioria de seus textos, o autor perpassa a questão da arte, sem se aprofundar muito na questão. O seu “Discurso sobre o restabelecimento das ciências e as artes” é um caso singular em que vale ressaltar o conceito de arte utilizado na obra, que é muito amplo e subentende retórica, música, etiqueta, narrativa e todas as formas de espetáculos. Em sua “Carta a D' Alembert” se volta de forma agressiva ao teatro francês, e para isso critica toda a arte produzida na França. Há em outras obras de sua primeira fase mais traços sobre e a sua filosofia e a arte, mas cada vez mais raros e difusos.

Para Rousseau, há uma estrita relação a ser observada entre a comunidade produtora e consumidora das artes, pois: “(...) os espetáculos são feitos para o povo, e só por seus efeitos sobre ele podemos determinar suas qualidades (...)”³. Mais tarde defende que as artes devem ser executadas e expostas de acordo com os diferentes povos, não sendo agradável os costumes de um outro povo, vincula assim uma tradição de produção artística ao seu público consumidor.

Quanto às aproximações que estamos construindo entre Rousseau e a pintura Rococó, temos que ter em mente a evidente oposição política do autor a esse contexto artístico, o mesmo já parte de pressupostos preconceituosos quanto à arte elitista francesa do período, tendência essa que também faz parte das críticas de Diderot aos principais nomes do gosto Rococó. Esse antagonismo ideológico está ligado à um contexto de crítica à sociedade de antigo regime, tendo uma série de intelectuais engajados nessa causa. Entre eles o nosso autor genebrês, que foi um aguerrido combatente aos mecenas da pintura Rococó.

Entre os argumentos que Jean-Jacques utiliza, encontramos o termo Estado de Natureza⁴ que é tão caro a Thomas Hobbes. O primeiro não partilha da mesma opinião do autor inglês. Para ele essa condição em que uma determinada sociedade não possui um “Leviatã” não seria uma condição pior que a encontrada em algumas sociedades européias contemporâneas a ele, principalmente a França do antigo regime. A cultura e a moral da aristocracia francesa são constantemente criticadas por Rousseau, inclusive o mesmo

² ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Carta a D'Alembert*. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993. (Coleção Repertórios)

³ ROUSSEAU, Jean-Jacques, *Carta a D'Alembert*. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1993. (Coleção Repertórios).

⁴ ROUSSEAU, Jean-Jacques. *O contrato social*. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre, RS: L&PM, 2008.

defende a proibição da construção de um teatro nos moldes franceses na cidade de Genebra⁵, como medida efetiva para combater a corrupção dos costumes da cidade. É importante ressaltar, que para ele, os Estados europeus estariam na decadência da humanidade, em contraposição os nativos americanos estariam em sua época de ouro⁶. A defesa do “bom selvagem” pode ser também refletida na produção artística, já que o selvagem não possuía o censo de produção, circulação e consumo como o modelo europeu das artes, principalmente o circuito aristocrático do Rococó. O selvagem não tem sua vida ligada ao luxo e ao supérfluo em que estariam vinculados à arte.

Ponto chave para o entendimento do filósofo e a nossa discussão é a sua elaboração das origens das artes, para ele o espetáculo estritamente ligado à busca pelo luxo. Essa vaidade baseada no supérfluo ocasiona a “dissolução dos costumes” na sociedade consumidora e como consequência a “corrupção do gosto”, o último é que levou a sociedade do antigo regime à situação pior que o “Estado de Natureza” de Hobbes. Seus discursos muito ligados à moral calvinista, evocam uma série de exemplos históricos para legitimar seus argumentos, entre eles usa a figura de Esparta em contraposição à Atenas, à sua própria Genebra em contraposição à Paris. O modo de vida genebrês estaria mais próximo do modelo espartano, vida essa de trabalho e dedicação à família, simples e com poucos luxos, dando prioridade às festas cívicas e à moral dos indivíduos, ligado à família e a nação. Em oposição a esse modo de vida, temos a sociedade do antigo regime ligada à ateniense, com uma vida regada aos luxos, a hipocrisia, a traições e amparada na retórica, uma vida das grandes cidades e da ociosidade, onde a vaidade e a intrigas são mais importantes que a moral do indivíduo, onde toda a corte tem conhecimento dos amantes que se encontram para a volúpia sem que nada façam. Em suma, na opinião de Rousseau uma sociedade com os costumes corrompidos vai conseqüentemente produzir uma arte também corrompida, vale ressaltar que essa crítica atinge a pintura Rococó, mais não toda a pintura produzida no período, pois o Rococó era o gosto preferido pela aristocracia criticada e se enquadra nos argumentos do autor pelas razões que analisaremos mais abaixo.

Na literatura (arte de narrar) do período, por exemplo, encontramos respaldo para a argumentação de Rousseau. As estórias que receberam mais tarde a alcunha de “literatura libertina” abrangem relatos da vida na corte francesa, esse cotidiano da aristocracia é marcado segundo a literatura pela libertinagem e a traição, a vaidade e o individualismo. Como exemplo, a

⁵ ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Trad. Alex Marins. São Paulo, SP: Martin Claret, 2006.

⁶ ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Trad. Alex Marins. São Paulo, SP: Martin Claret, 2006.

personagem Amine⁷ do escritor Crébillon Fils (1707 – 1777), que trai seu marido pelo simples ato de trair, pelo prazer de saber que seu conjugue está sendo traído. Esse livro nos narra a história de uma alma destinada a vagar por sofás da corte, em cada móvel que a mesma se estabelece é testemunha de inúmeras traições e decisões individualistas. Entre os autores do gênero o mais famoso foi o Marques de Sade (1740 – 1814), o comentado autor francês da época causou tremendo desconforto aos nobres e clérigos com seus contos e historietas. Seus personagens aristocráticos e membros da Igreja Católica sempre estavam envolvidos em orgias e traições. Os contos abalaram a nobreza francesa, causando a proibição e queima de seus livros em praça pública, proibido e lido, o autor foi preso e caçado durante a vida. Seu nome abalou a imaginação dos seus contemporâneos, fazendo referências diretas a certas personalidades influentes na França, a elite era o alvo primordial de suas estórias. Choderlos de Laclos (1741 - 1803) é outro autor “libertino” do período, seu romance mais famoso⁸ foi gravado em 1988 com a direção de Stephen Frears⁹, transportando-nos para uma ambiente rococó com seus salões, mobiliários, pinturas e outros incontáveis objetos artísticos. Toda a narrativa do romance é composta por cartas trocadas entre as personagens centrais, que além de amantes mantém relações com outros parceiros por motivos variados, como interesse material ou vingativo, tudo envolto em belas vestimentas e requinte nos modos de tratamento tão típicos daquela sociedade.

Para entendermos o ponto de vista de Rousseau devemos conhecer melhor o objeto de suas críticas, e principalmente o objeto preferencial deste trabalho, a pintura Rococó. A melhor compreensão da produção, circulação e consumo desses objetos artísticos ajudaram a compor elementos da argumentação do filósofo. Para tanto devemos passar para o ponto de vista onde a pintura Rococó ocupa lugar central.

O Rococó é um gosto nascido e essencialmente francês, variação do Barroco italiano executado na corte do Rei Sol Luis XIV e fortemente influenciado por Peter Paul Rubens. Cabe ressaltar que é desconhecido a origem do vocábulo, para alguns autores “...foi, ao que tudo indica, cunhado em 1796-7 por um dos alunos de David, chistosamente combinando *rocaille* e *barocco*”¹⁰, para outros¹¹ deriva das conchas ornamentais utilizados nos adorno, e

⁷ FILS, Crébillon. *O sofá*. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Porto Alegre, RS: L&PM, 2006.

⁸ LACLOS, Choderlos de. *As relações perigosas*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo, SP: Editora Nova Cultura Ltda., 2002.

⁹ LIGAÇÕES perigosas. Direção: Stephen Frears. Lorimar Films Entertainment, 1988. (119 min.), son, cor.

¹⁰ CHILVERS, Ian. *Dicionário Oxford de arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

¹¹ OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. *O Rococó religioso no Brasil*; e seus antecedentes europeus. São Paulo: COSAC & NAIFY, 2003.

sem conotação pejorativa em sua origem . Há na arte rococó uma composição e uma temática à feição da aristocracia francesa, os grandes salões barrocos são substituídos pelos apartamentos e pequenas salas, as cores carregadas e dramáticas foram deixadas de lado em benefício da suavidade, as cores claras, as tonalidades mais pastéis. A temática costumeira deixa de ser edificante e se torna profana, frívola, alegre, efêmera, o cotidiano da corte ociosa ganha as telas. Houve também temáticas edificantes e religiosas ao gosto Rococó, mais principalmente nas periferias como na Alemanha, Portugal e Brasil. A composição dos cenários retrata geralmente jardins, a natureza domesticada, onde as fontes são figuras angelicais ou mitológicas, o cotidiano da corte, retratos, cenas com personagens infantis e toda a ociosidade da corte¹². É a volta da valorização da arte produzida pelos próprios franceses, há dois séculos a pintura da França era dominada pelas influências estrangeiras, desde o gótico não havia “...uma mestre da pintura francesa... realmente francês”¹³. Considerado o primeiro mestre desses novos pintores franceses foi Antoine Watteau.

Já sabemos da dificuldade de enquadrar artistas em um determinado “estilo”, mais é consenso que o Rococó enquanto possuidor de características particulares começou a ser reconhecido como um gosto diferente a partir de Antoine Watteau com suas pinturas *fête galante*. Em seu “vocabulário” decorativo utiliza conchas, folhas, ramos, flores, nuvens e outras formas naturais. As bases para suas construções imagéticas já estavam em seus professores, os decoradores Claude Audran e Jean Bérain com seus arabescos e grotescos. Watteau (1684 – 1721), ele quando jovem largou a sua humilde família pra se refugiar em Paris e tentar a vida como pintor, de saúde debilitada e vivendo na miséria contraiu uma mortal tuberculose ainda na juventude. Trabalhou com Gillot e Claude Audran, o último lhe abriu as portas do palácio de Luxemburgo e sua decoração *Marie de Médicis* de autoria de Rubens, que iriam influenciar decisivamente suas *fête galante*. Outra característica marcante da sua produção é a sua origem provinciana, rústica, campestre, natural de uma cidade rural que fora flamenga até sete anos antes do mesmo nascer. Apesar de suas cores alegres a nostalgia toma conta de suas telas, a liberdade e a teatralidade dos seus saltimbancos cômicos, completam a essência de sua obra. É importante ressaltar também que Watteau não se dedicou apenas ao Rococó, grande parte de sua produção principalmente nas suas primeiras fases se referiam aos temas militares. Foi aceito pela Academia Francesa pela tela *Um*

¹² Para maiores referências sobre as origens e características do gosto Rococó, veja a bibliografia citada, principalmente OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. *O Rococó religioso no Brasil*; e seus antecedentes europeus. São Paulo: COSAC & NAIFY, 2003.

¹³ ABRIL CULTURA. Arte nos séculos. São Paulo, SP, 1972.

passageio por Cítéria (imagem 1) e como a mesma não se enquadrava em nenhuma denominação da Academia, ele recebeu o título de “festa galante”.

Entre os inúmeros pintores do período devemos ressaltar a figura de François Boucher (1703 - 1770), que foi íntimo de Watteau na juventude e de quem gravou 125 imagens para a *Oeuvre de Watteau*, de Jullienne: “Em muchos aspectos, Boucher fue el mejor discípulo póstumo de Watteau: gracioso, vivaz, encantado por su visión de la vida y, pese a todo ello, natural”¹⁴. Teve grande êxito em sua carreira tornando-se diretor da fábrica de Gobelins, diretor da Academia, pintor oficial do Rei e o artista favorito da mais famosa amante de Luís XV, Mme. De Pompadour (1721 – 1764). Entre os temas mais recorrentes de suas obras estão as *scènes galantes*, mitologias e encarnações do nu feminino como “Menina Reclinada” (imagem 2), que possivelmente se tratar de Louisa O’Murphy. No final de sua carreira foi duramente criticado por Diderot que estava ligado ao neoclassicismo, teve como seu melhor discípulo Jean-Honoré Fragonard.

Fragonard foi aluno de Jean-Baptiste Siméon Chardin e François Boucher, abandonou o primeiro pelos temas, técnicas e fama do segundo. Deixou os temas trágico e moralizantes que até então havia pintado para se dedicar ao que chamamos aqui de Rococó, dessa forma ganhou fama mundial, principalmente depois de ter pintado um quadro chamado “Os Felizes acasos do balanço” (imagem 3), que um outro artista havia rejeitado por questões morais. A tela consiste em um clérigo empurrando uma donzela ao balanço, enquanto o contratante deslumbra por debaixo das roupas da dama deitado em alguns arbustos. A partir dessa tela Fragonard se transforma em protegido da Mme. Du Barry, a mais bela amante de Luís XV e substituta à altura de Mme. De Pompadour. A fama de Jean-Honoré declinou tão rápido como teve êxito a revolução, mesmo sendo protegido por David morreu na pobreza e no esquecimento. Pintou entre outras telas as suas quatro obras primas “O progresso do Amor”.

Watteau, Boucher e Fragonard são considerados figuras chaves do gosto e da expressão Rococó. Outros pintores contemporâneos a eles, também se enquadram em maior ou menor grau a essa maneira de pintar, mais para caráter explicativo devemos nos reter aos três. Entre os outros pintores vale ressaltar os nomes de Jean Marc Nattier (1685 - 1766), o retratista Maurice Quentin de la Tour (1704 – 1788), Elisabeth Vigée-Lebrun (1755 – 1842), Jean-Baptiste Simeón Chardin (1699 – 1779), o pintor de gêneros melodramáticos Jean_Baptiste Greuze (1725 – 1805).

¹⁴ LEVEY, Michael. *Pintura y escultura em Francia; 1700-1789*. Londres: Yale University Press, 1994.

Voltando à argumentação do filósofo, o homem precisa de entretenimento quando necessário, sendo um mal e desperdício de tempo precioso o excesso dele. Pensamento antagônico ao visto na literatura e nas pinturas analisadas, onde a corte é representada em toda a sua ociosidade. Outro ponto distinguível entre o pensamento de Rousseau e dos consumidores do gosto rococó é o espaço ocupado pelos homens, para o primeiro, o homem deve viver em pequenas comunidades, com interação ao campo e à caça. Para a corte francesa, os salões e jardins devem ser utilizados, a natureza domada, os pequenos salões ricamente decorados, a cidade.

Como visto o pensamento de Rousseau buscar criticar a sociedade francesa do antigo regime e para tanto se utiliza até das artes produzidas e consumidas por essas classes. Essa crítica é feita embasada na crença do autor genebrês da proximidade dos valores morais da sociedade e de sua arte. Em um segundo momento o autor vai contra a arte no caráter mais amplo, pois a sua origem estaria ligada ao luxo e o supérfluo. Toda essa discussão está ligada a um contexto de mudança social que alguns anos depois iriam resultar na Revolução Francesa, sendo Rousseau apenas mais uma voz a se juntar a um coro de críticos do antigo regime e à pintura Rococó.

Ilustrações:



O Embarque de Cythera, Antoine Watteau, 1717



Menina Reclinada, François Boucher, 1752 – Óleo sobre tela, 59 cm x 72,9 cm, Bayerische Staatsgemäldesammlungen, Munich



Os Felizes acasos do balanço, Jean Honoré Fragonard, 1776

Referências bibliográficas

ABRIL CULTURA. *Arte nos séculos*. São Paulo, SP, 1972.

CHILVERS, Ian. *Dicionário Oxford de arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FILS, Crébillon. *O sofá*. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Porto Alegre, RS: L&PM, 2006.

HOBBS, Thomas. *Leviatã, ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. Trad. Alex Maris. São Paulo; SP: Martin Claret, 2005.

JONES, Stephen. *A Arte do século XVIII*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACLOS, Choderlos de. *As relações perigosas*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo, SP: Editora Nova Cultura Ltda., 2002.

LEVEY, Michael. *Pintura y escultura em Francia; 1700-1789*. Londres: Yale University Press, 1994.

LIGAÇÕES perigosas. Direção: Stephen Frears. Lorimar Films Entertainment, 1988. (119 min.), son, cor.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. *O Rococó religioso no Brasil; e seus antecedentes europeus*. São Paulo: COSAC & NAIFY, 2003.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Carta a D'Alembert*. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1993. (Coleção Repertórios).

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Trad. Alex Marins. São Paulo, SP: Martin Claret, 2006.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre as ciências e as artes*. São Paulo: Nova Cultura, 1999.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *O contrato social*. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre, RS: L&PM, 2008.

SADE, Donatien Alfonse François. *O marido complacente*. Trad. Paulo Hecker Filho. Porto Alegre, RS: L&PM, 2002.